

Orlando Caliman

É economista e escreve às quintas-feiras neste espaço

E-mail: ocaliman.vix@gmail.com

/// No Espírito Santo, além dos impactos negativos no bolso das pessoas, já estamos observando quedas na arrecadação de royalties e participações especiais

Petróleo em baixa

O que normalmente poderia ser visto como fator positivo a animar a economia brasileira acabou se transformando em problema. Estamos falando da queda do preço do petróleo, que do ponto de vista global parece não se apresentar apenas como um movimento pontual, portanto, fora da curva de tendência. Ao contrário, há indicações de que o ciclo de baixa do preço poderá durar bem mais do que se poderia imaginar. E isso traz sérias implicações para as economias brasileira e capixaba.

Existem alguns preços que desempenham um papel fundamental no funcionamento de uma economia. Dentre estes, sem dúvida, o preço do petróleo é um deles. Podemos listar outros, como o câmbio, o preço do dinheiro, representado pela taxa de juros. São preços com forte poder de influenciar todos os demais. Na verdade esses preços especiais, principalmente o câmbio e os preços derivados do petróleo, entram com pesos razoáveis na composição de outros preços de produtos. Podem assim determinar o nível geral de preços, que é medido pelo índice de inflação.

Em situação de normalidade, que já compreendemos não se tratar do nosso caso, o esperado seria que reduções prolongadas do preço do petróleo no mercado externo

resultasse automaticamente em reduções nos preços dos combustíveis como diesel e gasolina. Como acontece em qualquer país mais organizado. Teríamos assim uma força a puxar a inflação para baixo. Na mesma direção poderíamos imaginar estarem caminhando os custos de produção nas empresas. Estas seriam até estimuladas a ampliarem suas produções.

Infelizmente nada disso está acontecendo no nosso país. Ao contrário, o que estamos observando pode ser caracterizado como verdadeiro choque do petróleo ao inverso. Expressão que utilizei no artigo da semana passada para caracterizar o inusitado fato de preços de derivados seguirem caminho inverso ao preço da matéria-prima petróleo. Fenômeno “tupiniquim”, sem dúvida. Mas com forte impacto no bolso das pessoas. Do projetado 7% de inflação nas bombas, já podemos observar patamares bem mais elevados. No Espírito Santo, esse percentual já chega a mais de 20%. É mais um fator a inibir movimentos reativos da economia.

No caso específico do Espírito Santo, além dos impactos negativos no bolso das pessoas e nos custos dos produtos e serviços, já estamos observando quedas na arrecadação de royalties e participações especiais. Mas, o que merece atenção especial, numa perspectiva de longo prazo, são os investimentos em atividades de exploração. Esses sim, poderão estar já comprometidos. O que não sabemos é o tamanho desse comprometimento. Com certeza, o projeto do polo gasoquímico previsto para Linhares já saiu do cenário de possibilidades. E os demais, como ficam?